



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

28 DE ABRIL
PALANQUE — CENTRO CÍVICO
GUAÍBA-RS

IMPROVISO POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DO NÚCLEO HABITACIONAL DA COHAB «DR. RUY COELHO GONÇALVES»

Povo de Guaíba,

Esta festa enche-me o coração de alegria. Sinto, no ânimo dos que aqui estão — bons representantes do povo gaúcho, gente franca, leal e sem temores — a disposição de lutar pela democracia, pelo bem-estar de nossos filhos, por um Brasil próspero e livre. Esses, que são os objetivos do povo, são os objetivos do meu Governo. Graças a um persistente trabalho, tenho podido, a despeito de todas as dificuldades que a crise da economia internacional nos têm criado, avançar no campo político e na busca de melhores condições de vida para os brasileiros.

Posso dizer com orgulho que, em nenhum momento do meu Governo, mesmo nos mais difíceis, perdi de vista os interesses concretos e imediatos de nossa gente.

Não perdi tampouco de vista o fato de que, se queremos o bom para a nossa geração, queremos o melhor para nossos filhos. Esta a razão dos grandes investimentos que não revelam resultados imediatos, mas que vão

assegurar aos que nos são mais queridos o privilégio de viverem num Brasil melhor. O que seria de nós se nossos avós e nossos pais não houvessem conquistado e desbravado este País e não tivessem legado à Nação brasileira as grandes reservas de riquezas naturais que são nosso maior patrimônio?

Cabe a cada geração somar um pouco ao trabalho das anteriores. Este trabalho acumulado é que faz e fará a nossa grandeza.

O programa habitacional, de que é exemplo o conjunto hoje inaugurado, o programa de saneamento básico, que está levando água potável e esgoto a milhões de lares, os programas de alimentação nas escolas, nas fábricas e para as crianças mais carentes, em idade pré-escolar, que se expandem em ritmo continuado, vão melhorando a vida dos brasileiros.

O Ministério da Educação e Cultura orienta seus esforços no sentido de apoiar o ensino básico.

O transporte urbano barato, aquele que vai beneficiar diretamente o trabalhador das cidades, deixou de ser uma preocupação dos municípios. O Governo Federal, através da EBTU, está presente em todo o País, inclusive e muito especialmente na zona metropolitana de Porto Alegre, oferecendo apoio técnico e recursos para que o povo das grandes aglomerações urbanas tenha transporte eficaz, que o leve ao trabalho e o devolva à sua casa em condições de segurança e a preço acessível.

Casa, água, alimentação, assistência médica, transporte, educação básica, são programas prioritários do meu Governo. Nada, nem mesmo a crise internacional, que abala a economia e perturba a paz de todos, tem impedido o Governo de garantir aos brasileiros o progresso em cada um destes setores.

Ninguém pode negá-lo, porque as habitações, as adutoras, as estradas, as escolas, os bens novos que, antes, quando éramos mais jovens, não existiam em nossas casas, estão aí a provar aos pessimistas a realidade do progresso, de que o Governo é o grande promotor.

Vivemos hoje, neste período em que nos preparamos para o exercício democrático nas eleições de novembro, um clima de liberdade que nada deve aos exemplos que nos possam dar as mais tradicionais democracias. Como a anistia — que prometi, propus e promulguei — voltaram à vida civil e partidária brasileiros de todas as cores políticas e ideológicas.

Este é o meu programa: prosperidade e democracia.

Para levar avante esta plataforma de Governo, conclamei amigos, correligionários e até opositores para que unidos façamos a grandeza do Brasil.

Renovo aqui este apelo a cada um dos presentes. Quero sentir, na mão forte do povo gaúcho, o apoio de que necessito para continuar a lutar pela grandeza do Brasil.

Nos preliminares da campanha eleitoral desejo dizer algumas palavras ao povo do Rio Grande, sobre o que tem sido o comportamento das Oposições, para que possam de fato e com isenção ouvir os argumentos daqueles que me apóiam e daqueles que estão na Oposição no momento.

Prometi a liberdade de imprensa ainda como candidato e prometi a anistia ampla, geral e irrestrita. E duvidaram, e duvidaram, e duvidaram da minha palavra. Prometi as eleições diretas para governador dos Estados e duvidaram até mesmo depois de eu mandar a Mensagem ao Congresso. Prometi as eleições para 15 de novembro e agora, não podendo mais duvidar de que elas

vão se realizar, ainda perguntam, como ouvi hoje, se os eleitos serão empossados.

Porque agora é a única dúvida que têm. Duvidaram inclusive do direito que tenho de ter um enfarte. Voz alhures, fora daqui do Rio Grande do Sul, afirmou em praça pública que o Presidente era mentiroso, porque o seu enfarte fora falso, colocando sob suspeita nomes de brasileiros dignos e nomes de estrangeiros que muito me ajudaram a que eu voltasse aqui com a saúde restabelecida.

Não tendo mais do que duvidar agora, perguntaram se os eleitos serão empossados. E eu pergunto para que faria eu uma eleição, para que sairia eu pelos rincões do Brasil pregando o exercício da democracia em que acredito, se eu não fosse o primeiro a sair às ruas para defender a posse dos eleitos. Ouço por toda a parte, na imprensa, no rádio, na televisão, nas vozes do Congresso, falarem em casuísmos do Governo. Casuísmos são todos aqueles projetos eleitorais em que o Governo ou o partido que o apóia têm iniciativa. Mas não são considerados casuísmos aqueles projetos que alguns deles me trazem, no meu próprio gabinete, para favorecerem os partidos da Oposição. Só existe casuísmo quando não favorece a Oposição. Acusam o Governo de querer beneficiar o seu Partido. Eu não vou a tanto de afirmar que quero beneficiar o meu Partido. Mas não acredito que o povo da minha terra me tenha como tão imbecil a ponto de mandar para o Congresso um projeto de Governo que pudesse favorecer as Oposições, que me agri-dem. Será muito fácil à Oposição fazer a sua campanha e levar os menos avisados a ouvi-la e até a bater palmas e aplaudi-la em suas afirmativas. Aí está o custo-de-vida motivado pela inflação. Aí estão as dificuldades de toda a natureza que o povo enfrenta, dificuldades algumas que não estão e nem poderiam estar nas nossas forças

resolver, porque algumas vêm de fora. Falam e repisam no problema fundiário e se esquecem de que o problema fundiário se iniciou no Brasil quando o Rei de Portugal resolveu dividir esta terra em capitanias hereditárias.

É que até então poucos Governos se importaram com esse problema. Mas, na realidade, só este ano vão ser distribuídos, até o final do ano, cerca de 300 mil títulos de propriedade, mais do que todos eles imaginaram desde que o Brasil foi descoberto.

Vão bater na tecla do desemprego, como se o Governo também não ficasse aflito vendo os trabalhadores impossibilitados de enfrentar seu sustento e o de sua família. Mas quando vejo o exemplo de nações industrializadas, como a Alemanha, a França e a Inglaterra, muito mais ricas e com menos população do que nós, terem entre dois milhões a três milhões de desempregados e a nação mais rica da terra, os Estados Unidos, chegarem a ter três milhões de desempregados, eu me pergunto: — Por que, por que isso, se ainda não atingimos dois milhões e meio?

O problema que temos de enfrentar, de desemprego, é um problema sério, mas não é apenas nosso. Ele é resultado, isso sim, da crise econômica internacional, que nós temos que, no momento, acreditar seja possível, num prazo médio, contornar. É preciso nos lembrarmos de que o comércio exterior está difícil. Em poucas palavras, não está fácil vencer e, em consequência, os próprios produtores, reduzindo a sua produção, são obrigados, às vezes, a desempregar parte de seus trabalhadores.

E o Governo se esforça para ver outras alternativas a oferecer para essa gente brasileira. E aí está o plano de emprego que o Ministério do Trabalho me apresentou e que acabei de aprovar. E vão falar, durante a

campanha, nessa tecla da incompetência dos administradores. Todos os males que o Brasil sofre, nestes últimos anos, provém da Revolução de 1964 e da incompetência de seus administradores. A ser verdade essa afirmativa, por que considerar competentíssimos aqueles que até ontem estavam ao meu lado e que ajudaram a Revolução e com ela trabalharam e que agora estão na Oposição como elementos capazes de melhorar o que não puderam fazer?

Se são competentes, se acham que podem resolver a curto prazo os nossos problemas, que venham para o meu lado, apresentar as soluções que nunca tiveram coragem de apresentar. E quando ouço líderes dizer: «Ele estende as mãos mas elas estão vazias, porque nunca nos deu a oportunidade de sermos recebidos». Ou então: «apresentamos soluções e não fomos ouvidos». E eu respondo — jamais me apresentaram soluções para qualquer problema. Apresentaram objetivos a atingir que são os meus também, como melhor distribuição de renda, melhores transportes, salários mais altos, melhor previdência social. Isso são objetivos a atingir.

Mas eu pergunto. o que eu quero saber, é como, em curto prazo, essa gente vai fazer uma melhor distribuição de renda. E praça aos céus que alguns deles sejam eleitos para que possam provar essa sua tão falada competência.

Continuo aguardando soluções. Continuo com as mãos estendidas mesmo àqueles que ainda estão labutando na Oposição, para que apresentem soluções que acelerem a chegada da diminuição do sofrimento do povo. Mas que me venham com soluções viáveis, que não me venham com generalidades, que não me venham com frases feitas, porque disso eu estou cansado.

O que eu quero saber é aqueles que tem competência para resolver os problemas que eu não tive a competência de resolver, que venham para o meu lado. E se eles não vierem, como agora, já creio ser muito tarde para que venham. Porque a campanha já está em início, e acham mais fácil ficar como estão, me aconselham, eles mesmos, a que fique encerrado em meu gabinete, apartado das lides políticas de meu Partido, sem consciência de que só meu partido é que pode me ajudar, porque eles não querem. E querem que eu fique em meu gabinete, para que eu não venha às praças públicas perguntar ao povo o que o povo acha, se eles não sabem dizer. As vezes eu chego até a pensar que eles têm medo do meu contato com o povo. Será que eu sou capaz de, com minha palavra, com a minha presença, subverter o que o povo tem na cabeça?

Ou será que eles têm medo de que o povo diga a mim o que pensa?

E que mal há no Presidente da República ir à praça pública pregar a democracia?

Quando eu estava no Exército, fardado, e usava óculos escuros, diziam «é um general que não gosta do povo». Até inventaram uma história, distorceram os fatos a respeito dessa história. Agora que eu quero mostrar que sou democrata, e que venho ao encontro do povo, eles pedem para que eu continue como era antes, e não admitem que eu ouça o povo e o meu Partido e preferem que as fórmulas saiam lá do Planalto em formas já feitas para o Congresso sem que eu ouça ninguém. Eu cheguei à conclusão de que há muito poucos democratas na gente que assim fala. Porque se tivessem um pouco de consciência, pelo menos diriam: «Eu não concordo com as idéias dele, mas ele tem o direito, como nós temos, de ir em direção ao povo e com ele conversar».

A campanha já está iniciada. Temos os nossos candidatos escolhidos de maneira democrática pelo partido. Com eles e com os homens que os ajudam pretendo continuar o meu programa de Governo. E eu tenho a certeza de que, com esse contato com o povo, e sabendo que o povo está alertado para aquilo que vai ouvir, e tenho certeza de que poderei contar com muitos de meus amigos, com muitos dos homens do meu partido, para que eu possa levar avante este programa que é levar em paz, em sossego, o País a um clima de prosperidade para toda a nossa gente.

Muito obrigado.